

# A EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO ESTRATÉGICO NORTE-AMERICANO A PARTIR DA FRAGMENTAÇÃO NUCLEAR E SEUS REFLEXOS NO BRASIL

*"A globalização não é um conceito sério e nós, os americanos, a inventamos para dissimular nossa política de entrada econômica nos outros países, e para tornar respeitáveis os movimentos especulativos de capital que sempre são a causa de graves problemas."*

*John Kenneth Galbraith*

GUILHERME SANDOVAL GOÉS  
Capitão-de-Mar-e-Guerra

---

## SUMÁRIO

### Introdução

As origens da guerra fria: a grande estratégia da contenção de Kennan

A fragmentação nuclear e seu significado estratégico

As características do contexto internacional na era pós-bipolar

Entendendo a construção do modelo do *engagement and enlargement*

A dimensão econômica da estratégia do *engagement and enlargement*

A nova iniciativa estratégica norte-americana; a reedição da guerra nas estrelas

A estratégia norte-americana e seus reflexos no cenário sul-americano

Conclusão

## INTRODUÇÃO

Avaliar a conjuntura internacional não deixa de significar avaliar os reflexos da estratégia global dos Estados Unidos em relação ao resto do mundo. Com rigor, as estratégias norte-americanas transcendem o escopo de sua simples nacionalidade e invadem a territorialidade dos outros países. E sendo as-

sim, este trabalho se propõe a apresentar uma visão crítica sobre a trajetória estratégica daquele país desde o fim da Segunda Guerra Mundial até nossos dias. Para tanto, vamos analisar, desde a Grande Estratégia da Contenção, passando-se pelo modelo do *Engagement and Enlargement*, até, finalmente, se chegar à hodierna matriz do Sistema de Defesa Estratégica Antimíssil.

**A Estratégia da Contenção\*** surgiu no final dos anos 40 e foi utilizada por várias décadas para enfrentar o mecanismo de propagação do império soviético.

Nascida da visão prospectiva de George F. Kennan, antigo embaixador norte-americano na URSS, esta estratégia projetou a idéia-força do confronto indireto entre as duas superpotências, dando origem, por consequência, à famosa Guerra Fria.

Já o modelo do *Engagement and Enlargement* foi formulado em fevereiro de 1995, durante o governo de Bill Clinton.

Seu fulcro estratégico deriva do vínculo direto que cria entre a segurança nacional e a questão econômico-comercial, que passam então a caminhar indissolúvelmente juntas.

Finalmente, o tão contestado Sistema de Defesa Estratégica de George W. Bush, uma inofismável reedição da Estratégia Guerra nas Estrelas.

O Escudo Antimíssil dos Estados Unidos vem sendo objeto de forte reprovação internacional pela interrupção que provoca no processo de redução das tensões internacionais.

Em perícia analítica, este trabalho pretende demonstrar que a evolução do pensamento estratégico dos Estados Unidos se depara com dois grandes momentos de ruptura paradigmática e que são a fragmentação da ameaça nuclear global e o ataque terrorista de 11 de setembro (o grifo é meu).

**A primeira quebra de paradigma** veio com a desintegração soviética que trouxe em seu bojo a chamada **fragmentação nuclear**, que nada mais significa do que a redução de um confronto nuclear em escala planetária e a conseqüente entrada em vigor de uma nova matriz de desafios, constituída pelas atuais ameaças regionais, transnacionais e de proliferação das armas de destruição em massa.

Em essência, a fragmentação nuclear simboliza a passagem de um mundo político-estratégico para um universo econômico-comercial.

Representa, em termos concretos, de um lado, o desaparecimento da Estratégia de Kennan, de índole nuclear e preocupada em coarctar\*\* a expansão soviética; do outro, o nascimento da Estratégia do *Engagement and Enlargement*, com viés econômico-comercial e interessada em definir sistematicamente a inserção

internacional dos Estados Unidos dentro da era pós-bipolar.

**O segundo momento histórico de ruptura** dentro do pensamento estratégico dos Estados Unidos vai ocorrer com o ataque terrorista ao Pentágono e ao World Trade Center. Por seu surpreendente ineditismo, ainda requer tempo para melhor maturação científica e acadêmica. Não obstante isso, é legítimo inferir que o evento de 11 de setembro de 2001 vai revogar o modelo do *Engagement and Enlargement* na medida

---

---

## A evolução do pensamento estratégico dos Estados Unidos se depara com dois grandes momentos de ruptura paradigmática, que são a fragmentação da ameaça nuclear global e o ataque terrorista de 11 de setembro

---

---

\* N.R.: A quase totalidade dos negritos são da RMB.

\*\* N.R.: Coarctar – reduzir de tamanho, circunscrever (*Novo Aurélio*).

em que este valorizava em excesso a questão econômico-comercial em detrimento da segurança nacional.

Com efeito, o ataque direto ao solo estadunidense vai demandar uma revitalizante revisão de princípios e preceitos estratégicos, que certamente irão constituir um novo paradigma de segurança nacional para aquele país.

A análise das estratégias norte-americanas é importante pela contribuição que projeta para a compreensão dos seus principais reflexos sobre o cenário sul-americano e em especial sobre o Brasil. Em plano acadêmico, este trabalho vai realizar um estudo analítico tendente a demonstrar as implicações diretas das diferentes estratégias norte-americanas para o contexto sul-americano.

E assim é que vamos perquirir as graves conseqüências para o aperfeiçoamento democrático das nações latino-americanas advindas da Estratégia de Kennan. Na mesma direção, vamos perscrutar a tentativa de engajar as Forças Armadas sul-americanas no combate ao *narcoterrorismo* sob os auspícios da nova ordem militar de Williamsburg.

Finalmente, ao sistematizar a dimensão econômica da Estratégia do *Engagement and Enlargement*, vamos entender a razão pela qual a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas), ultrapassando o simples escopo de projeto de um único governo, transformou-se em projeto de Estado para os Estados Unidos, em nítida ameaça aos interesses geopolíticos brasileiros.

Sob este aspecto, vamos assinalar que um verdadeiro estadista deve entender o enigmático jogo de interesses geopolíticos que movimenta o cenário internacional. Para enfrentar a penetração geopolítica dos Estados Unidos no contexto sul-americano,

vamos esboçar um possível modelo de reação, pautado em dois grandes princípios capazes de informar a integração sul-americana: a liderança brasileira dentro do espaço geopolítico sul-americano e a imprescindibilidade de realizar uma inserção internacional multilateral, isto é, uma atuação internacional ampla e diversificada, não alinhada automaticamente aos Estados Unidos. O apotegma\* é simples: "ou o Brasil assume sua natural liderança na América do Sul, ou então se subordina geopoliticamente aos Estados Unidos".

É, portanto, dentro desta perspectiva de inteligência independente que vamos engendrar um modelo estratégico composto de três grandes fases: (Veja a Figura 1)

**1) Fase de inserção internacional multipolar** caracterizada pela abertura simultânea das Frentes Européia, Atlântica e Asiática;

**2) Fase de integração interna** do chamado triângulo sul-americano, formado pelos três grandes conjuntos geopolíticos da América do Sul: o Arco Amazônico, o Pacto Andino e o Cone Sul; e

**3) Fase de maturidade sub-regional**, sustentada pela idéia-núcleo de que a América do Sul como um todo ganhe a capacidade de executar o conceito de investimento seletivo, isto é, escolher investimentos internacionais que não produzam o ciclo da periferia.

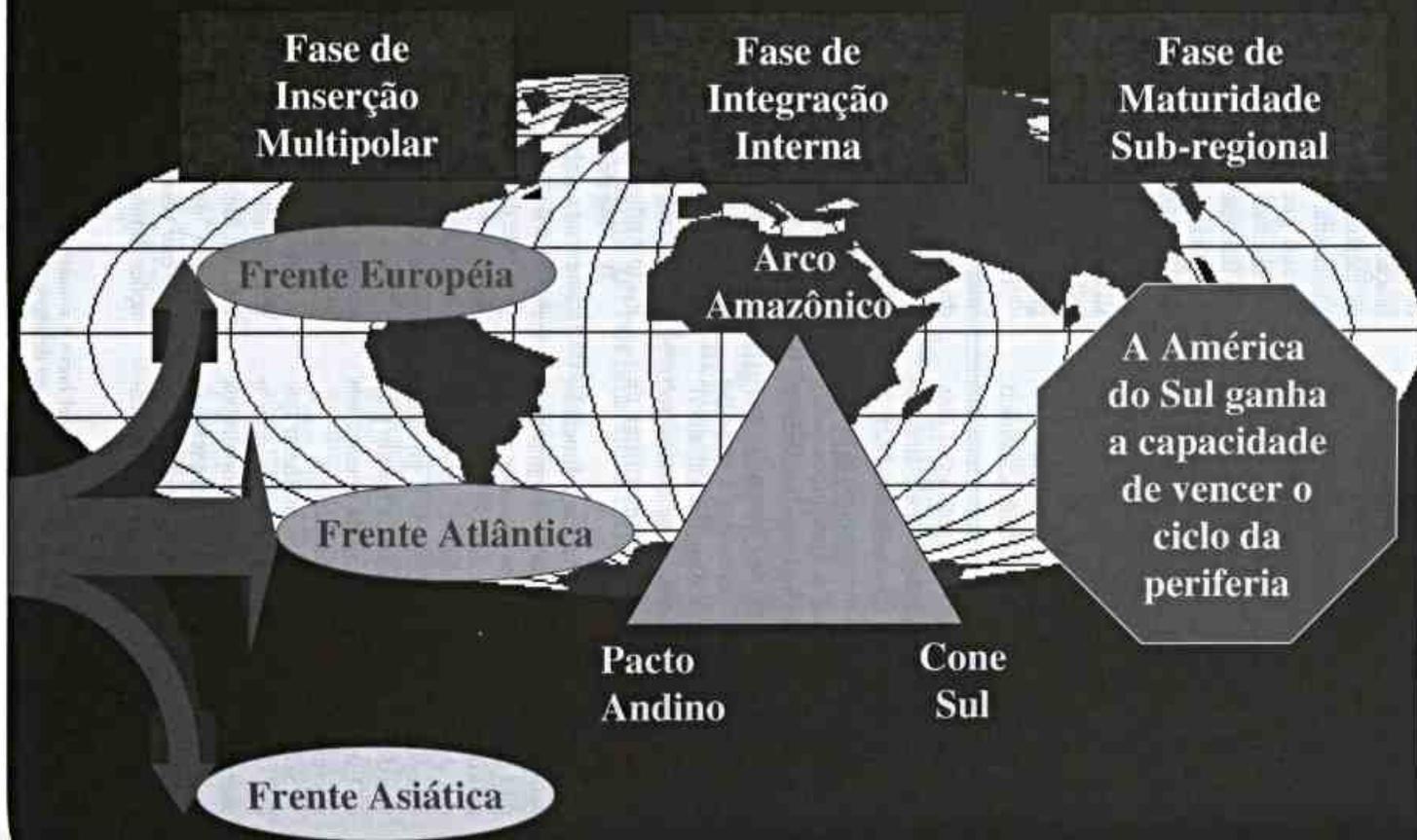
Esta construção estratégica poderia se transformar no conceito diretor da política externa brasileira (o grifo é meu), que tradicionalmente não sistematiza a projeção internacional do País. Com rigor, a inserção internacional do Brasil é feita em total anomia\*\* de princípios estratégicos, fato este que vem reduzindo a efetividade das ações diplomáticas do País. Aliás, um dos

\* N.R.: Apotegma – aforismo, sentença vocal breve e conceituosa (*Novo Aurélio*).

\*\* N.R.: Anomia – ausência de leis, de normas ou de regras de organização (*Novo Aurélio*).

# FIGURA 1

## O MODELO ESTRATÉGICO DE REAÇÃO



propósitos deste trabalho é evidenciar que a Estratégia do *Engagement and Enlargement* nada mais representa do que um verdadeiro sistema estratégico de inserção internacional dos Estados Unidos na era pós-bipolar.

Cumpre, finalmente, alertar ao leitor que, nesta tarefa de traçar o perfil de evolução do pensamento estratégico dos Estados Unidos, outro caminho não se terá senão o de trilhar a intrincada tessitura terminológica daquele país, que comporta termos tais como *Bottom-Up Re-view, Strategic Defense Initiative, Europe First, Strategy of Flexible and Selective Engagement, Kennan's Containment Strategy* e muitos outros.

## AS ORIGENS DA GUERRA FRIA: A GRANDE ESTRATÉGIA DA CONTENÇÃO DE KENNAN

Para bem entender as preocupações do mundo estratégico norte-americano a partir da fragmentação nuclear, é necessário retroceder aos tempos do fim da Segunda Guerra Mundial e investigar a chamada Grande Estratégia da Contenção, obra intelectual de George F. Kennan. Ainda durante as Conferências de Yalta e de Potsdam no período pós-guerra, imperava no seio da comunidade estratégica norte-americana a visão utópica do Presidente Roosevelt que acreditava na coexistência pacífica entre a democracia e o comunismo.

Em sua opinião, a rivalidade ideológica não seria necessariamente seguida de uma disputa geopolítica, isto é, a divisão inter-

nacional efetuada nas negociações do fim da guerra seria respeitada pelas duas superpotências. Acreditava, portanto, Roosevelt que haveria, sim, uma disputa ideológica, mas não dava crédito à possibilidade de surgir uma lide geopolítica.

Em franca oposição ao pensamento rooseveltiano, despontou a visão de Kennan, primeiro estrategista norte-americano a perceber que a URSS não era simplesmente um aliado difícil nas negociações políticas do pós-guerra, mas, ao revés, era, inquestionavelmente, o principal opositor geopolítico dos Estados Unidos no contex-

to mundial que surgia. Em seu alvitre, o fim colimado do Kremlin seria estabelecer um mundo unipolar sob a dominação comunista.

Em consequência, urgia elaborar uma estratégia de reação, apta a enfrentar as tendências expansionistas de Moscou. As idéias de Kennan foram rapidamente assimiladas em

Washington e assim nasceu a Grande Estratégia da Contenção, que se denomina na sua língua original *Kennan's Containment Strategy*.

Em sentido amplo, o magistério estratégico de Kennan patrocinou a idéia-força de proteger, em primeiro lugar, o contexto europeu, cenário considerado crítico no quadro da rivalidade bipolar. Era o conceito estratégico do **Europe First**. Tal proteção se estabeleceu por intermédio de um cordão sanitário costurado em torno da Europa Oriental. Com rigor, para compreender plenamente o conceito em testilha,\* é mister examinar, no plano geopolítico, seu

---

### Em essência, a fragmentação nuclear simboliza a passagem de um mundo político-estratégico para um universo econômico-comercial

---

\* N.R.: Testilha – briga, luta; debate. Discussão (*Novo Aurélio*).

alicerce teórico, qual seja, a Teoria das Fímbricas, doutrina clássica idealizada pelo professor holandês Nicholas Spykman.

A **Teoria das Fímbricas** foi formulada com o propósito de se contrapor ao modelo geopolítico do poder terrestre de Halford Mackinder, cujo ponto arquimediano era a progressiva conquista da *Ilha do Mundo* a partir do controle da Europa Oriental, denominada de *Coração da Terra* ou *Heartland*. O Estado Nacional que tiver a capacidade de dominar a *Ilha do Mundo* comandará o mundo.

Em oposição, Spykman construiu sua matriz antítese e que era exatamente a ocupação das bordas da *Ilha do Mundo* e que foram por ele mesmo chamadas de *Rimland*. O controle do *Rimland* teria a finalidade de evitar a expansão da potência que dominasse o *Coração da Terra*, impedindo-a de atingir a *Ilha do Mundo*. Em síntese, a matriz das Fímbricas visava a isolar o país adversário no *Coração da Terra*, impedindo-o, portanto, de avançar em outras direções.

Para dar concretude ao modelo das Fímbricas, o pensamento estratégico norte-americano recorreu a um velho e conhecido axioma de sua política externa, *id est*,<sup>7</sup> usou aliados, tratados e acordos internacionais para alcançar seus próprios objetivos estratégicos. E tanto foi assim que, para manter o isolamento geopolítico do império soviético dentro do *Heartland*, o gênio pragmático estadunidense costurou a formação de blocos internacionais para a conquista de suas bordas.

Sob este aspecto, para defender o oeste da Eurásia constituiu a OTAN (*NATO*), Organização do Tratado do Atlântico Norte; para evitar a expansão para o Oriente Médio, engendrou a OTCEN, Organização do Tratado do Centro e, finalmente, para eliminar a projeção comunista sobre o continente asiático, criou a OTASE, Organização do Tratado do Sudeste da Ásia.

De clareza meridiana, portanto, a competência da política externa norte-americana em planejar arranjos internacionais tendentes a solucionar problemas estratégicos que lhes são inerentes. As construções estratégicas norte-americanas têm o condão de exportar as suas próprias ameaças para ou-

tros países que vão se movimentar na cena mundial sob o influxo da espora norte-americana, porém, pensando tratar-se de seus autênticos interesses.

Não obstante toda a sua efetividade e ao contrário do que se poderia supor, a Estratégia de Kennan não ficou isenta de censura dentro da intelectualidade de seu país.

No centro das acusações, despontava a crítica de fraqueza estratégica do sistema kenneniano.

Na visão de seus opositores, a tepidez do modelo em debate impediu a formulação de uma estratégia mais agressiva e que fosse capaz de explorar, com força máxima, o então monopólio nuclear norte-americano.

O cerne do pensamento anti-kenneniano residia na perspectiva de instaurar um mundo unipolar, esteado<sup>8</sup> na hegemonia nuclear dos Estados Unidos naquela época, o

---

## O Estado Nacional que tiver a capacidade de dominar a *Ilha do Mundo* comandará o mundo

---

Hardford Mackinder  
Estrategista

---

<sup>7</sup> N.R.: *id est* – isto é.

<sup>8</sup> N.R.: Estear – sustentar com esteios ou escoras; escorar; amparar; sustentar, proteger (*Novo Aurélio*).

que certamente caracterizaria a imposição da tão propalada *pax americana*.

Apesar desta forte argumentação, não concordo com tal tese porque o monopólio nuclear dos Estados Unidos deu-se por um curtíssimo período de tempo, e, o que é mais importante, a construção da arma nuclear era uma macrodecisão do Kremlin de caráter irrevogável, sendo certo que a URSS não aceitaria sob nenhuma hipótese a supremacia norte-americana. Daqui se pode deduzir,\* portanto, a correção da opção estratégica, pautada nas idéias de Kennan.

O estudioso da Grande Estratégia da Contenção tem ainda o dever acadêmico de apontar um outro ponto capital de perscrutação, que é a inaplicabilidade da estratégia de valorização da democracia no contexto latino-americano. Em termos simples, isto significa dizer que o uso da democracia como vetor estratégico de combate ao expansionismo soviético foi enfraquecido na América Latina.

Com efeito, a estratégia norte-americana para a América Latina não demorou em estimular os governos ditatoriais, em detrimento dos próprios valores democráticos.

Na visão estadunidense, esta era, incontestavelmente, a forma mais econômica de confrontar a propagação do comunismo no contexto latino-americano. Foi a própria letra da Estratégia da Contenção que revelou a tendência de apoiar os regimes militares na

América Latina. Estava escrito textualmente, não era nem mesmo necessário dissimular. Tais regimes eram, no quadro da Contenção, um instrumento a serviço dos altos interesses estratégicos dos Estados Unidos.

Resta indagar se foi ou não coincidência a realidade que se vivenciou em toda esta região. Em verdade, toda a América Latina optou por trajetórias estratégicas de governos militares que enfrentavam melhor a ameaça comunista. Deixa-se para reflexão do leitor, em exame concreto da realidade, se a opção estratégica adotada pela América Latina, e em especial pela América do Sul, atendeu aos seus próprios interesses ou, ao contrário, se foi apenas a concretização de uma estratégia que lhe era exterior e emanada dos Estados Unidos da América do Norte.

---

**As construções  
estratégicas  
norte-americanas têm o  
condão de exportar as suas  
próprias ameaças para  
outros países que vão se  
movimentar na cena  
mundial sob o influxo da  
espora norte-americana,  
porém, pensando tratar-se  
de seus autênticos  
interesses**

---

ção do leitor, em exame concreto da realidade, se a opção estratégica adotada pela América Latina, e em especial pela América do Sul, atendeu aos seus próprios interesses ou, ao contrário, se foi apenas a concretização de uma estratégia que lhe era exterior e emanada dos Estados Unidos da América do Norte.

**A  
FRAGMENTAÇÃO  
NUCLEAR E SEU  
SIGNIFICADO  
ESTRATÉGICO**

Como já afirmado na introdução deste trabalho, o significado estratégico da fragmentação nuclear quer dizer, simplesmente, a redução do risco de um confronto nuclear em escala planetária e o conseqüente surgimento de três novas categorias de desafios. Foi a própria Estratégia do *Engagement and Enlargement* que deu trato sistêmico a esta nova segmentação de desafios ao Estado norte-americano.

\* NR.: Dessumir – inferir, deduzir, concluir (*Novo Aurélio*).

Tal sistematização foi assim efetuada:

1) **As ameaças regionais ou ameaças centradas em Estado-nação.** Dentro desta categoria estão aqueles países com estrutura geopolítica capaz de provocar desequilíbrio em áreas consideradas vitais aos interesses estratégicos norte-americanos e que possuem capacidade nuclear. Exemplos típicos: China, Índia, Rússia e Paquistão. O Brasil poderia estar incluído neste fechado clube se não tivesse abdicado da construção de sua arma nuclear;

2) **As ameaças transnacionais** são constituídas pelo terrorismo internacional, pelo crime organizado, pelas ameaças ao meio ambiente, pelo radicalismo islâmico *et alii*. Exemplos concretos desta categoria são: Grupos Al Qaeda, Jihad islâmico, Hamas e as Farc colombianas;

3) **As ameaças de proliferação das armas de destruição em massa.** Dentro desta classe estão os chamados Estados-bandido ou Estados-Fora da Lei, tais como Líbia, Irã, Iraque e Coreia do Norte. Estes três últimos países formam o chamado "eixo do mal" (*Axis of Evil*), sendo que tal tríade é apontada pela atual administração Bush como principal ameaça à humanidade, tanto pelo apoio que dá ao terrorismo, como pela capacidade nuclear e biológica (Negritos do autor).

Este novo quadro de ameaças, transformado em corpo de doutrina pelo modelo do *Engagement and Enlargement*, é estrategicamente complexo, vez que representa o desaparecimento da alta previsibilidade estratégica do cenário bipolar, presciência\* esta patrocinada pelo chamado **princípio do alinhamento necessário**.

Explica-se melhor.

Durante a Guerra Fria, o sistema de forças internacionais era impulsionado pela

disputa entre dois grandes centros com completa correspondência econômica, geopolítica e militar. Existia, por conseguinte, plena paridade em todos os campos do poder nacional. O poder de atração das duas superpotências era completo em si próprio.

As demais nações se limitavam a observar o princípio do alinhamento geopolítico necessário, isto é, a escolher a qual das duas superpotências iriam se perfilhar.

De fato, o princípio em testilha criava um ambiente de alta previsibilidade estratégica, na medida em que as manobras nacionais eram facilmente prognosticadas pelo restrito poder de barganha retido pelas nações periféricas.

As ações internacionais perpetradas por tais países cingiam-se apenas em ameaçar trocar de lado.

Como amplamente visto anteriormente, a Teoria das Fímbrias na Europa e os regimes militares na América Latina resolveram esta problemática de reduzir a propagação do eixo comunista.

Em síntese, é de se recordar que a fragmentação nuclear veio à luz a partir de 1989, superando quase 40 anos de predominância da ameaça nuclear global. Simboliza, em última instância, a passagem de um mundo político-estratégico para um universo econômico-comercial. Em termos reais, retrata fielmente a passagem da Estratégia da Contenção de Kennan para o modelo do *Engagement and Enlargement* de Bill Clinton.

Enfim, a fragmentação nuclear é o conseqüente supremo do colapso soviético, com ela nascendo uma matriz tríplice de ameaças para os Estados Unidos.

Tais ameaças circunscrevem um contexto global pós-fragmentação de alto grau

\* NR.: Presciência – qualidade de presciente; providência, previsão; pressentimento, presságio; ciência inata, anterior ao estudo (*Novo Aurélio*).

de complexidade porque deixa de existir a plena paridade entre os centros internacionais de poder.

As assimetrias econômica, geopolítica e militar dos novos pólos mundiais que despontam dentro da recomposição da nova Ordem Mundial vão caracterizar melhor tal complexidade e é por isso que serão analisadas, com minudência, em seguida.

## AS CARACTERÍSTICAS DO CONTEXTO INTERNACIONAL NA ERA PÓS-BIPOLAR

Por ser a única superpotência ainda existente, acredita-se que estamos vivendo sob os auspícios da chamada *pax americana*. A meu alvedrio,\* creio que tal interpretação é errônea na medida em que os Estados Unidos não têm capital geopolítico suficiente para impor um cenário internacional unipolar, vale dizer, um quadro mundial onde não haja reação geopolítica por parte das demais nações do mundo. O estabelecimento da *pax americana* seria sinônimo da natural envergadura dos Estados Unidos para reger unilateralmente as relações internacionais, o que evidentemente não é verdadeiro.

Destarte, o grande desafio deste capítulo será demonstrar que o contexto internacional, na era pós-bipolar, é, ao mesmo tempo, **economicamente tripolar, geopoliticamente multilateral e militarmente unilinear** (Negritos do autor).

Em outros termos, com a desintegração soviética, a superioridade militar dos Estados Unidos não foi necessariamente correspondida com sua hegemonia econômica e muito menos com o alinhamento geopolítico automático.

Coexistem, por conseguinte, dentro do contexto pós-fragmentação, o tridimensionalismo econômico, o multilateralismo geopolítico e o unipolarismo militar de âmbito mundial.

Como anteriormente visto, a fragmentação nuclear consolidou a passagem de um

mundo político-estratégico para um universo econômico-comercial. Neste passo, as relações comerciais em âmbito global se libertaram da pesada amarra do risco nuclear. Inaugurava-se a era do **mercado-centrismo**, uma verdadeira apologia da abertura mundial de mercados.

Estas transformações radicais ensejaram o aparecimento de um contexto internaci-

onal de alta competitividade econômica, onde se destacam três grandes pólos de atração comercial, a saber: os Estados Unidos, única superpotência remanescente, e as duas megapotências, a União Européia e o Japão.

Estes três grandes centros formam o chamado **triângulo econômico mundial**, responsável por quase 75 por cento do controle, tanto dos fluxos comerciais, como também dos fluxos de investimentos internacionais.

---

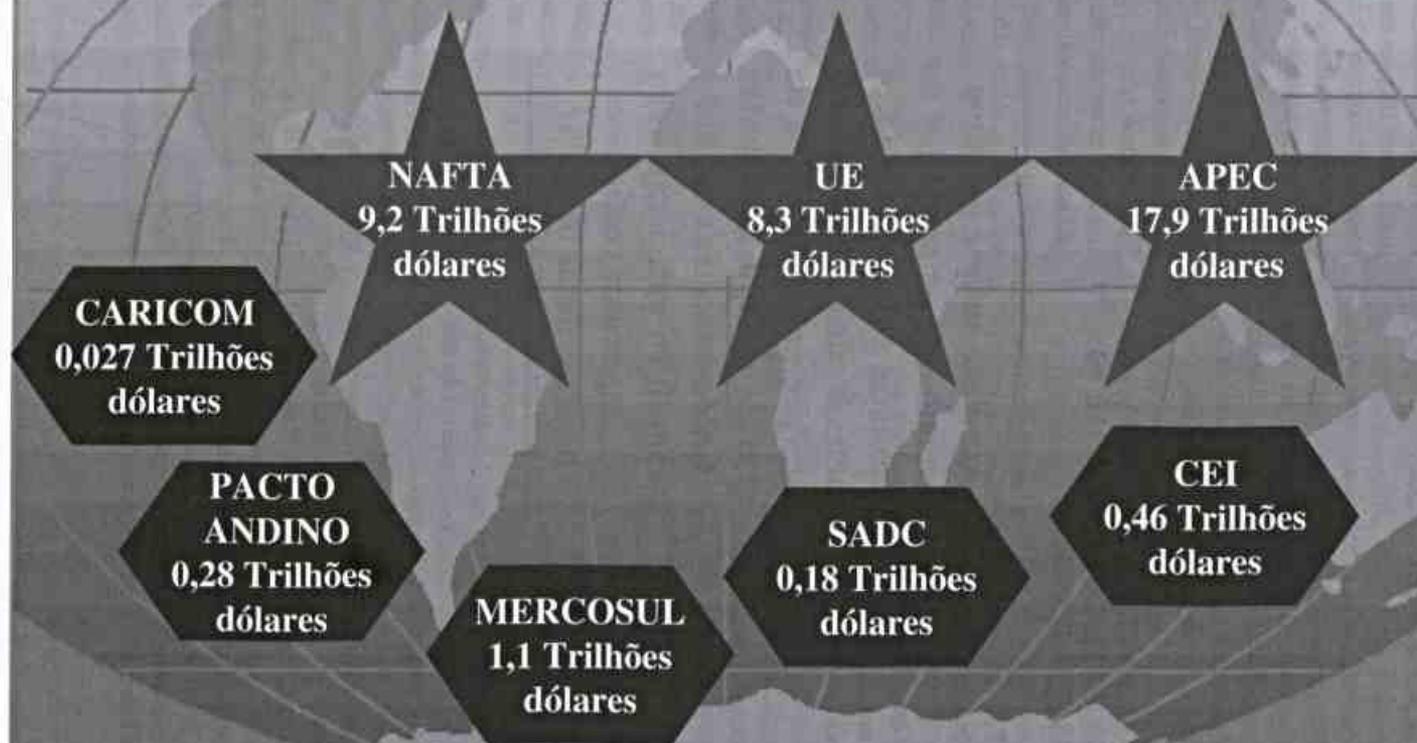
**Acredita-se que estamos vivendo sob os auspícios da chamada *pax americana*. A meu alvedrio, creio que tal interpretação é errônea na medida em que os Estados Unidos não têm capital geopolítico suficiente para impor um cenário internacional unipolar**

---

\* N.R.: Alvedrio - talvez; vontade própria (*Novo Aurélio*).

**FIGURA 2**

**A superioridade do Triângulo Econômico Mundial  
aferida a partir de seus respectivos blocos regionais**



Na realidade, a consolidação da tripolaridade econômica mundial remonta ao ano de 1989 com o nascimento do tão prolapado Consenso de Washington, perpassa pela criação da Organização Mundial do Comércio (OMC), em 1994, até, finalmente, se chegar ao esquema global de pactos comerciais de dimensões continentais, engendrado em 1995 pela Estratégia do *Engagement and Enlargement*.

Com o Consenso de Washington, instaurou-se, de forma sistêmica, o ciclo da periferia, que se caracteriza pela alta dependência dos países subalternos ao capital financeiro advindo do triângulo econômico mundial.

Já a Organização Mundial de Comércio representa a perpetuação da famosa Rodada Uruguai, fórum internacional que privilegia o debate da progressiva redução das taxas de importações com o propósito de estimular o comércio global. Com rigor, a pauta de debates da OMC vem favorecendo a tripolaridade econômica mundial, posto que a questão da proteção agrícola dos países ricos nunca foi incluída na pauta em comento.

Finalmente, a formação de grandes blocos continentais simboliza o ponto final desta trajetória de abertura de novos mercados, tema central da superioridade do triângulo econômico mundial.

Uma simples análise visual da Figura 2 mostra o abismo existente entre os blocos

comerciais liderados pelo triângulo econômico mundial e o resto do mundo. Observe que o Mercosul é a quarta potência econômica do globo terrestre, sendo suplantado apenas pelo NAFTA\* (Acordo de Livre Comércio da América do Norte), pela União Européia e pela APEC\*\* (Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico).

A disparidade é evidente: enquanto o Mercosul caminha na trilha da casa de 1 trilhão de dólares, a União Européia e a Nafta atingem o patamar de 9 trilhões.

Não há como contestar, por consequência, o surgimento de um contexto mundial economicamente tripolar. Eis aqui caracterizado o

**tridimensionalismo econômico mundial.** (Negrito do autor.)

No plano geopolítico internacional, nossa análise indica que, atuando em paralelo ao chamado triângulo econômico mundial e representando um complicador a mais, surgem as chamadas potências emer-

gentes ou ascendentes, tais como China, Índia, Brasil e Rússia. Estes países, procurando garantir maior latitude de atuação dentro da cena internacional, vão disputar novos nichos de poder em suas respectivas áreas de influência. Deste modo, a busca de hegemonia regional por parte das potências ascendentes ameaça o controle internacional exercido pelos Estados Unidos e em menor grau pelas outras nações do G7.\*\*\* Tal fato vai caracterizar o surgimento

---

**Somente com iniciativas sub-regionais de integração será possível diminuir a dependência externa e, por consequência, vencer o ciclo do empobrecimento estatal**

---

\* N.R.: NAFTA – Instrumento de integração das economias dos Estados Unidos, Canadá e México. Em vigor em 1994. (*Almanaque Abril/2000*).

\*\* N.R.: APEC – Bloco econômico formado para promover a abertura de mercados entre 20 países da Ásia e Hong Kong (China) que responde por cerca de metade do PIB, 40% do comércio mundial. (*Almanaque Abril/2000*).

\*\*\* N.R.: G7: Estados Unidos, Inglaterra, França, Itália, Alemanha, Canadá e Japão.

de um **contexto internacional geopoliticamente multipolar**.

A explicação plausível que justifica o movimento geopolítico de reação das potências emergentes vem do fato de que tais países não possuem condições de enfrentar diretamente o triângulo econômico mundial e em especial os Estados Unidos.

Em termos simples, isso significa dizer que as nações ascendentes, muito embora em razoável nível de desenvolvimento, ainda dependem do fluxo de investimentos internacionais para fechar seus respectivos balanços de pagamento.

É de se recordar, entretanto, que tais investimentos internacionais são controlados pelo triângulo econômico mundial, seja diretamente, por intermédio do Grupo dos Sete, seja indiretamente, pela sua influência no âmbito do Fundo Monetário Internacional.

Diante disso resta comprovada a grande dependência das nações emergentes em relação à tripolaridade econômica mundial.

Entre as causas que acarretam tal dependência estão: inexistência de poupança interna, balança de transações correntes estruturalmente deficitária, pequeno número de empresas multinacionais com origem nas potências emergentes, grande número de empresas multinacionais de origem norte-americana, européia e/ou japonesa, levando lucros para fora do país e, finalmente, elevada dívida externa.

Todo este quadro econômico adverso faz com que as potências ascendentes ainda necessitem dos investimentos advindos do triângulo econômico mundial. E é exatamente isso que caracteriza o chamado **ciclo da periferia** ou do **empobrecimento estatal**, ciclo este que impede o avanço das nações emergentes. (Negritos do autor.)

Com rigor, é a própria realidade econômica das potências ascendentes que as impede de vencer, sozinhas, o ciclo da periferia.

Esta é a razão pela qual necessitam consolidar novos espaços geopolíticos de influência.

Somente com iniciativas sub-regionais de integração será possível diminuir a dependência externa e, por conseqüência, vencer o ciclo do empobrecimento estatal. Esta é a única maneira de enfrentar a penetração internacional do triângulo econômico mundial.

Em suma, a idéia-força que impulsiona o movimento geopolítico das nações emergentes repousa exatamente sobre o fortalecimento de projetos de integração sub-regional. Isso vai fortalecer o debate "globalização versus regionalização", caracterizando o nascimento de um quadro mundial geopoliticamente multipolar.

Eis aqui, nitidamente, evidenciado o **multilateralismo geopolítico de escopo universal**. (Negrito do autor.)

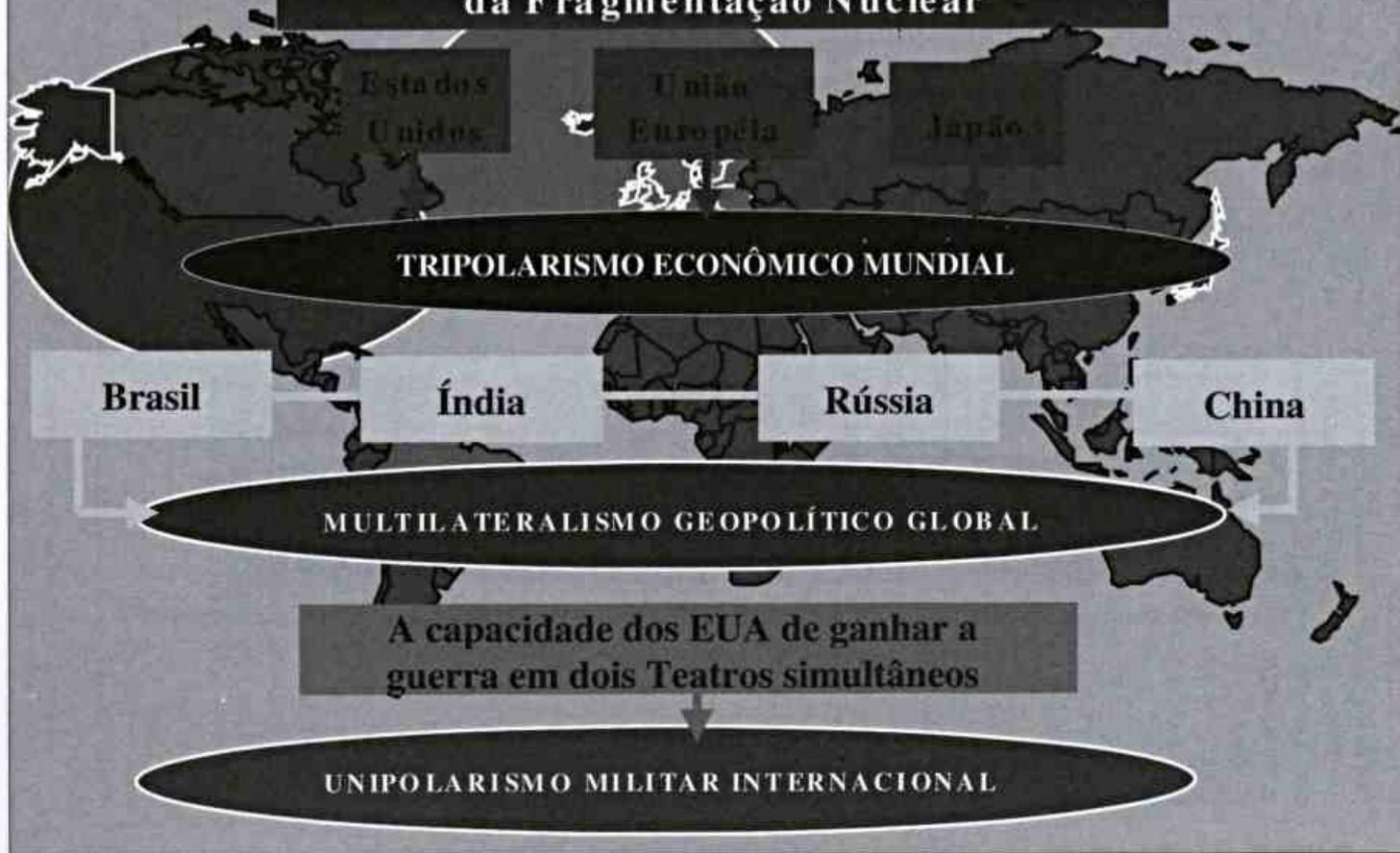
Finalmente, permeando o tripolarismo econômico e o multilateralismo geopolítico, desponta a insofismável **hegemonia militar norte-americana**.

Com efeito, não há nação no mundo capaz de enfrentar militarmente os Estados Unidos. A sua superioridade militar é irrespondível, o seu orçamento de defesa vai alcançar, em 2003, o patamar de quase 370 bilhões de dólares, valor muito superior ao PIB de muitos países do mundo.

A idéia da hegemonia militar dos Estados Unidos não é recente, ao contrário, vem sendo reeditada desde a época da Estratégia Militar do *Flexible and Selective Engagement*, promulgada em fevereiro de 1995 pelo General John M. Shalikashvili. Seguindo a senda da estratégia que lhe era superior, ou seja, a Estratégia de Segurança Nacional do *Engagement and Enlargement*, a estratégia militar se ocupou das ameaças advindas das Potências Regionais e dos chamados Estados-Fora da Lei.

**FIGURA 3**

**A nova Ordem Mundial a partir  
da Fragmentação Nuclear**



Para enfrentar tais ameaças, nasceu o grande imperativo militar dos Estados Unidos de hoje, qual seja, **ganhar a guerra em dois grandes Teatros de Operações ao mesmo tempo.** (Negrito do autor.)

Preciso é que se perceba, portanto, que a decisão estratégica de ganhar dois conflitos regionais simultâneos é a consequência natural da fragmentação nuclear na esfera militar, e, o que é mais importante, tal capacidade se transformou na pedra angular que vem mantendo a hegemonia militar dos Estados Unidos em termos mundiais.

Em outro dizer, a aptidão de ganhar a guerra em dois teatros regionais simultâneos solidifica a idéia de que vivenciamos um contexto internacional militarmente unipolar.

Com rigor, o pensamento estratégico militar norte-americano, abeberando-se na lógica do conflito regional, quer desestimular intenções agressivas por parte de um *Estado-bandido*, no caso dos Estados Unidos já estarem engajados em um outro teatro regional de grande magnitude.

Seria o caso, por exemplo, do atual engajamento com o Afeganistão, estimulando a agressão por parte de um país do "eixo do mal", tais como Iraque, Irã, Coreia do Norte ou até mesmo por uma potência regional, tais como Índia ou Paquistão.

Em conclusão, é puro zotismo\* acadêmico afirmar que a *pax americana* entrou em vigor a partir da falência geopolítica do império soviético.

Conforme amplamente analisado, restou evidente a incapacidade norte-americana de impor o unipolarismo geopolítico de escopo universal. Em seu lugar, nasce um contexto internacional que é, a um só tempo, economicamente tripolar, geopoliticamente multilateral e militarmente unilinear. Veja a Figura 3, que sintetiza esta idéia.

## ENTENDENDO A CONSTRUÇÃO DO MODELO DO *ENGAGEMENT AND ENLARGEMENT*

A antiga questão de perquirir\*\* a natureza do poder, tal qual formulada por Michel Foucault, tematiza-se na polêmica noção de que o poder em si não existe, não é algo como a propriedade que se possui ou não. Na visão de Foucault, o que existe são relações ou práticas de poder, o que significa dizer que o poder é

algo que se disputa, que se estimula. É, portanto, com este caráter relacional foucaultiano do poder que se deve, ou pelo menos se deveria, interpretar a Estratégia de Segurança Nacional dos Estados Unidos; tal é, em essência, a gênese de sua construção.

Com efeito, o modelo do *Engagement and Enlargement* é uma estratégia de inserção internacional por excelência que visa a ampliar o poder norte-americano cada vez mais.

É neste mister que os cenários geopolíticos mundiais serão disputados, serão esti-

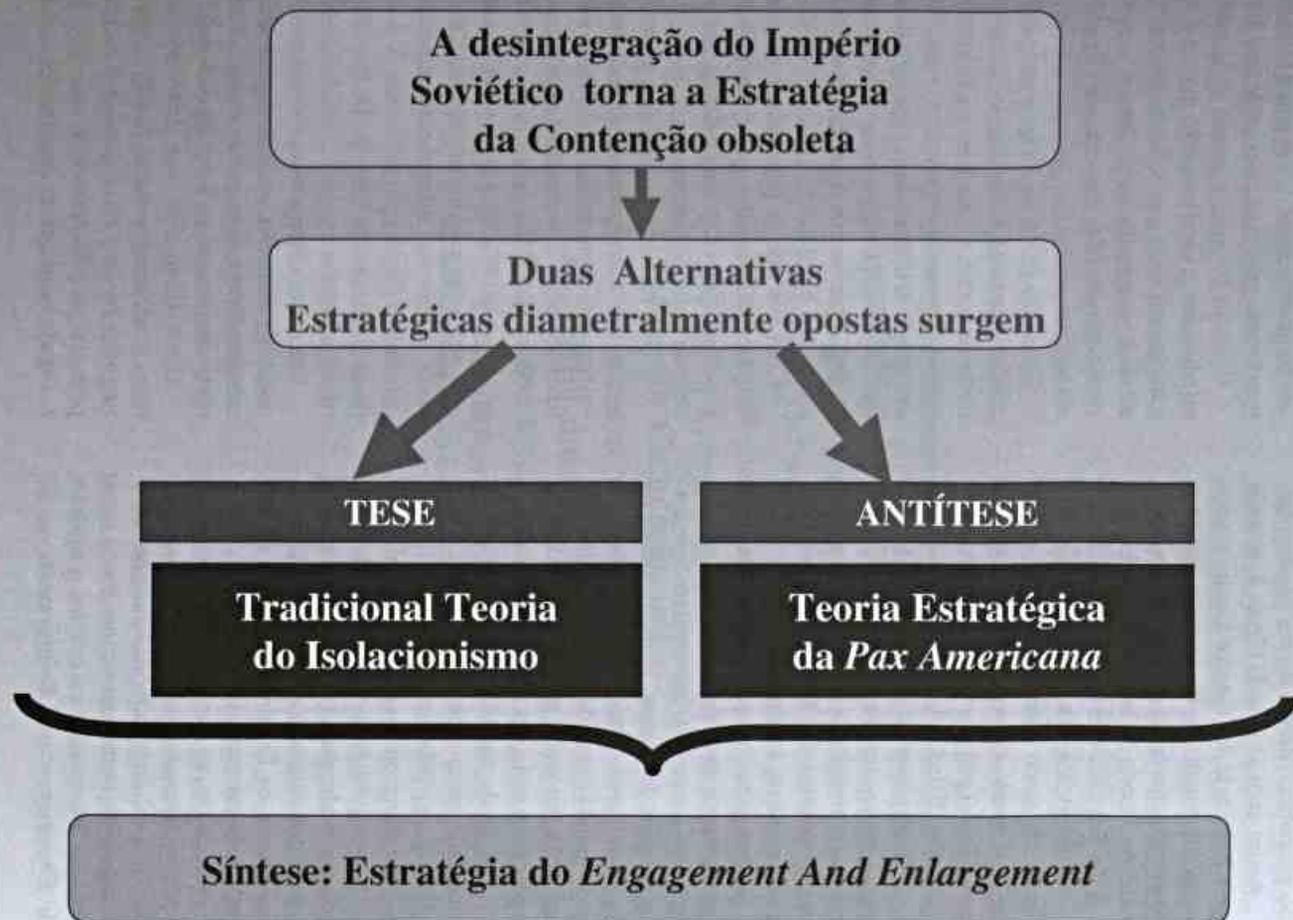
---

### **A democracia é simples mecanismo de mercado, onde as nações são os consumidores e as empresas multinacionais norte-americanas os empreendedores**

---

\* N.R.: Zotismo – estado, condição ou ação de zote; estupidez, palermice, tolice, idiotice (*Novo Aurélio*).

\*\* N.R.: Perquirir – investigar com escrupulo; inquirir minudentemente; pesquisar, indagar, perscrutar, esquadrihar (*Novo Aurélio*).

**FIGURA 4**

mulados de acordo com a iniciativa norte-americana. Não há mais espaço para a omissão geopolítica dentro da era pós-bipolar.

Assim, com a ajuda da Figura 4, observe que a Estratégia dos Estados Unidos é a solução intermediária entre duas posições diametralmente opostas, isto é, de um lado a tradicional teoria do isolacionismo, do outro a já tão discutida tese da *pax americana*.

A concepção do isolacionismo, também conhecida como *America First*, continua até hoje sendo defendida com ardor por considerável parcela da comunidade estratégica dos Estados Unidos.

Tese responsável pelo esplêndido progresso norte-americano no período entre guerras, representa de certa maneira a omissão geopolítica dos Estados Unidos dentro do contexto internacional.

Estrategistas há que a defendem pelas vantagens que propiciam *inter alia*<sup>\*</sup> o fortalecimento do mercado interno norte-americano, o maior do planeta Terra, a redução de gastos militares, o maior orçamento de defesa do mundo (cerca de 370 bilhões de dólares/ano) e um maior grau de independência em face das variações do cenário mundial.

Apesar de todas essas vantagens, a sociedade norte-americana repeliu a tese isolacionista pela simples perspectiva de perda de controle do sistema global.

A inércia internacional dos Estados Unidos era inadmissível e conseqüentemente instava construir uma estratégia positiva que mantivesse os Estados Unidos no núcleo central do contexto das nações.

Em síntese, na impossibilidade de impor a *pax americana* e, ao mesmo tempo, repudiando a validade da teoria isolacionista, o estrategista norte-americano gerou uma solução intermediária e que foi o modelo do *Engagement and Enlargement*.

A seiva estratégica do modelo norte-americano vem da percepção de que a inserção internacional de um país é fator preponderante para o bem-estar de seu povo.

E assim foi que o gênio pragmático estadunidense idealizou uma matriz de segurança nacional que vincula estrategicamente a prosperidade econômica, a valorização universal da democracia e a hegemonia militar mundial.

Em outro dizer, atreladas a um projeto político superior, estão acopladas três estratégias gerais, a econômica, a cultural e a militar, formando em conjunto uma única **estratégia tridimensional** (negrito do autor), cujo escopo magno visa a maximizar a projeção internacional dos Estados Unidos na era pós-bipolar.

Com este tipo de pensamento em mente, percebe-se melhor que Estratégia dos Estados Unidos é, por excelência, um modelo de inserção internacional.

A bem da verdade histórica, é preciso alertar que a interpretação da valorização universal da democracia deve ser feita a partir de belveder<sup>\*\*</sup> investigativo mais elevado.

Neste sentido, a democracia não é um princípio axiológico em si, a ser tutelado pelo seu próprio valor intrínseco, mas, ao revés, é mais um instrumento estratégico colocado à disposição da matriz de entrada econômica dos Estados Unidos sobre os demais países.

Em suma, a democracia é simples mecanismo de mercado, onde as nações são os consumidores e as empresas multinacionais norte-americanas os empreendedores.

Diante disso, é de bom alvitre entender que a verdadeira essência da Estratégia do *Engagement and Enlargement* é indicada pelo seu próprio *Nomen Strategikós*, isto é, **engajamento**, traduzindo a idéia núcleo

\* N.R.: *Inter alia* – entre outras.

\*\* N.R.: Belveder – pequeno mirante de onde se descortina um vasto panorama; terraço em local elevado.

de repudiar a tradicional tese do isolacionismo e **engrandecimento** (negritos do autor), simbolizando o sistema estratégico tridimensional engendrado para ampliar a sua projeção internacional.

Aliás, não foi sem razão que o próprio nome desta estratégia foi usado como ponto de partida da crítica internacional.

Sob este aspecto, a nomenclatura da estratégia foi usada para denunciar sua linha-gem de dominação, na medida em que indicava nitidamente a vocação expansionista da matriz americana.

A Estratégia dos Estados Unidos foi rejeitada em sua pretensão de se transformar em símbolo universal de desenvolvimento.

Sob color\* de engrandecimento mundial, ocultava-se, na verdade, uma estratégia tridimensional de dominação estadunidense.

Em conseqüência, a comunidade internacional, em especial a doutrina francesa, não demorou a reprovar a

estratégia norte-americana, já que esta foi devidamente interpretada como sendo uma simples questão de retórica e formulada em total arrepio da opinião pública mundial.

Em suma, foi a própria denominação que revelou a natureza estratégica do modelo do *Engagement and Enlargement* e assim sendo, dois anos após a sua promulgação, o nome da estratégia foi trocado, passando a se chamar *in verbis*: *National Security Strategy for a New Century*, isto é, Estratégia de Segurança Nacional para um Novo Século.

A meu talante,\*\* acredito que embora o nome da estratégia tenha sido mudado, a sua essência, a sua vocação, o seu espírito continuaram os mesmos, *id est*, ampliar, sistemicamente e cada vez mais, a esfera de reverberação política dos Estados Unidos da América dentro da nova ordem mundial.

### A DIMENSÃO ECONÔMICA DA ESTRATÉGIA DO *ENGAGEMENT AND ENLARGEMENT*

A Estratégia pós-fragmentação de Bill Clinton se caracteriza pela primariedade das relações comerciais globais em detrimento de outras questões, inclusive a da segurança nacional. Sob este aspecto, o fortalecimento da economia dos Estados Unidos mediante a abertura de novos mercados internacionais passou a ocupar lugar especial dentro da matriz de segurança nacional daquele país.

E não foi por acaso que a economia norte-americana atingiu seu ápice ainda na vigência da era do *Engagement and Enlargement*. Durante este período os Estados Unidos tiveram um crescimento ininterrompido de quase nove anos, o maior de toda a história daquele país. Esta é a razão pela qual a estratégia econômica merece ser analisada em separado.

Por não ter condições de impor a unipolaridade econômica mundial, a Estratégia do *Engagement and Enlargement* planejou um mecanismo grandioso que se utiliza

---

---

## **Apoiando a Estratégia do *Engagement and Enlargement* surge nada mais nada menos que a própria Organização Mundial do Comércio, apta a manobrar multilateralmente sob o influxo dos altos interesses norte-americanos**

---

---

\* N.R.: Color – cor, coloração; colorear (*Novo Aurélio*).

\*\* N.R.: Talante – vontade, desejo, arbítrio; empenho, diligência (*Novo Aurélio*).

**FIGURA 5****A dimensão econômica da Estratégia dos EUA**

de três grandes zonas de livre comércio de dimensões continentais e que são:

– Área de Livre Comércio das Américas (ALCA);

– Mercado Transatlântico (União Européia);

– Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC).

Apoiando estes três grandes centros de atração comercial, surge nada mais nada menos que a própria Organização Mundial do Comércio, apta a manobrar multilateralmente sob o influxo dos altos interesses norte-americanos. É o próprio texto da Estratégia dos Estados Unidos que chama tal sistema estratégico de **Constelação Mundial do Comércio**. Veja a Figura 5. (Negrito do autor.)

Pelo menos, no campo teórico, esta engenharia estratégica teria a capacidade de promover a prosperidade econômica dos Estados Unidos, uma vez que tais blocos ficariam diretamente sob a influência daquele país.

A criação deste sistema poligonal de pactos comerciais foi a arma encontrada para, a um só tempo, enfraquecer o rival japonês na região da Ásia e do Pacífico, manter abertas as portas de penetração dos Estados Unidos no continente europeu e, finalmente, consolidar o espaço geopolítico das Américas em favor da entrada norte-americana.

É de se mencionar, entretanto, que as elites políticas da Europa e da Ásia rapidamente perceberam a grandiosidade do sistema norte-americano e, em consequência, formularam um modelo geopolítico de reação.

No cenário europeu, ocorreu a aceleração da integração da União Européia e a consolidação do Euro como moeda única,

enquanto no contexto asiático foi criada a Área de Livre Comércio da Ásia (AFTA), sem a presença dos Estados Unidos, Canadá e México, componentes do NAFTA e que fazem parte da Cooperação Econômica da Ásia e do Pacífico (APEC).

A iniciativa geopolítica de consolidação da AFTA pretende afastar da região a presença hegemônica norte-americana.

Infelizmente, a intelectualidade da América do Sul ainda não percebeu a sutileza do sistema poligonal dos Estados Unidos e assim permanece como o único dos três pólos, sem talento para desenhar uma matriz com caminhos próprios, tendentes a formar um mundo geopolítico sul-americano, coeso e forte na sua unicidade. A luta contra a inferioridade sul-americana será infrutífera se não

ocorrer a sua integração geopolítica.

Em plano acadêmico, a Constelação Mundial do Comércio da Estratégia dos Estados Unidos foi buscar inspiração dentro da **Teoria da Tríade** (negrito do autor), obra intelectual dos

empresários e acadêmicos do Clube de Roma, dentre tais Rockefeller e Kissinger. Também conhecida como Teoria do Trilateralismo Mundial, esta concepção geopolítica clássica foi elaborada ainda nos idos dos anos 70 e visava a fortalecer a economia dos Estados Unidos, a despeito do isolamento dos países comunistas.

Para tanto, idealizou a formação de um cenário mundial, pautado em três grandes edifícios geopolíticos: o bloco americano, sob a égide dos Estados Unidos e do dólar; o bloco europeu, sob o pálio da Alemanha e do marco, e, finalmente, o bloco asiático, sob o acicate\* do Japão e do iene.

---

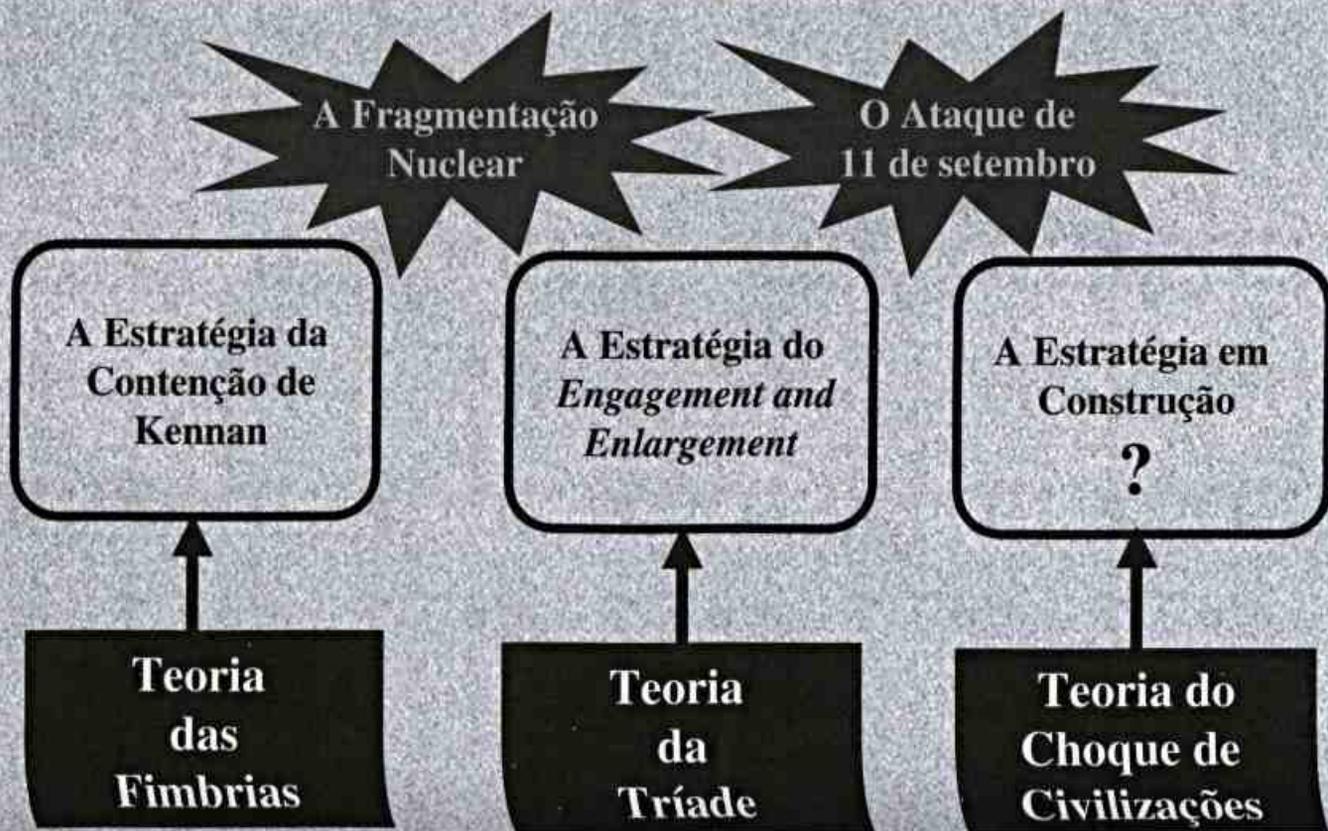
## A luta contra a inferioridade sul-americana será infrutífera se não ocorrer a sua integração geopolítica

---

\* N.R.: Acicate – espora de uma só ponta; pua; incentivo, estímulo (*Novo Aurélio*).

## FIGURA 6

### As Teorias Geopolíticas Clássicas como fundamento das estratégias norte-americanas



Observe que a Teoria da Tríade retirava a União Soviética da cúpula do contexto das nações, rebaixando-a a país periférico do bloco europeu.

Com isso, os três grandes blocos continentais ficariam diretamente sob a influência dos Estados Unidos, único líder do mundo, e tendo como auxiliares diretos as megapotências, o Japão e a Alemanha. Em certo sentido, o domínio global dos Estados Unidos seria exercido mediante a atuação de países suseranos,\* Japão e Alemanha, responsáveis pelo controle direto dos respectivos países vassallos no âmbito de seus blocos.

Com efeito, não há como contestar a nítida influência da Teoria da Tríade na elaboração do sistema poligonal da Estratégia do *Engagement and Enlargement*.

A única diferença é que agora estamos falando de blocos organizados internacionalmente, isto é, ALCA, Mercado Transatlântico e APEC.

O que não muda é a vassalagem dos países periféricos, que continuam recebendo tratamento inferiorizado no âmbito das relações comerciais de nível global.

Em conclusão, a dimensão econômica é preponderante dentro da tridimensionalidade da Estratégia do *Engagement and Enlargement*. Isso quer dizer que a prosperidade econômica dos Estados Unidos suplanta as outras duas dimensões, a militar e a cultural.

A partir do advento de 11 de setembro, tal quadro vai mudar radicalmente.

Os imperativos de segurança nacional dos Estados Unidos ganham nova roupagem, posto que agora o combate ao terrorismo exsurge\*\* em plenitude.

A estratégia em construção vai fazer retornar a primazia da dimensão militar no plano mais amplo da segurança nacional. A vulnerabilidade do Estado norte-americano aos ataques terroristas vai estimular a integração de todas as forças estatais no seu combate. A necessidade imperiosa de conter o risco de ataques nucleares, químicos e biológicos vai estimular a construção de um arranjo internacional voltado para aniquilar o "eixo do mal", ou seja, os

*países-bandido* Irã, Iraque e Coreia do Norte.

O legislador e o estadista norte-americanos terão que descobrir novas fórmulas que conciliem leis draconianas e o tradicional espírito de liberdade do povo norte-americano.

O choque de civilizações tenderá a aumentar as tensões internacionais.

A exploração econômica do G7 terá que ser revista e o protecionismo agrícola dos países ricos deve ser tema inegociável dentro da pauta de debates da Organização Mundial do Comércio.

Enfim, podemos concluir afirmando, com a ajuda da Figura 6, que a Teoria das Fímbrias serviu de fundamento para a Estratégia da Contenção de Kennan, enquanto a Teoria da Tríade forneceu as bases teóricas para a Estratégia do *Engagement and Enlargement* de Bill Clinton.

---

## **A revisão aspiniana de 1993 é o fenômeno estratégico que reflete com mais perfeição a evolução do pensamento militar norte-americano a partir da fragmentação nuclear**

---

\* N.R.: Suserano – que possui um fundo do qual outros dependem (*Novo Aurélio*).

\*\* N.R.: Exsurgir – erguer-se, levantar-se (*Novo Aurélio*).

Resta, agora, indagar se caberá à Teoria do Choque de Civilizações de Samuel Huntington respaldar o futuro paradigma de segurança dos Estados Unidos, ora em construção.

## A NOVA INICIATIVA ESTRATÉGICA NORTE-AMERICANA: A REEDIÇÃO DA GUERRA NAS ESTRELAS

Para entender completamente a proposição estratégica do Governo Bush, é preciso remontar ao ano de 1993 e examinar a reformulação estratégica denominada de *Bottom-Up Review*, operada sob o pálio intelectual do então secretário de Defesa, Les Aspin.

Em essência, o *Bottom-Up Review* significa aquela já citada decisão estratégica de ganhar a guerra em dois grandes Teatros de Operações simultâneos, decisão esta nascida de uma revisão feita de baixo para a cima, como a indicar o próprio nome do documento elaborado pelo secretário Les Aspin.

A revisão aspiniana de 1993 é o fenômeno estratégico que reflete com mais perfeição a evolução do pensamento militar norte-americano a partir da fragmentação nuclear.

Com efeito, é um divisor de águas, na medida em que traduz, de um lado, a decadência da estratégia Guerra nas Estrelas, símbolo máximo da doutrina armamentista do governo Reagan, grande incentivador da escalada nuclear com altos gastos em Defesa. Do outro lado, marca o nascimento da Estratégia Militar do Engajamento Seletivo e Flexível e da Estratégia do *Engagement and Enlargement*, estratégias que constituem as duas faces de um mesmo projeto nacional de redução de gastos militares e de valorização econômica do governo Clinton.

Antes da revisão estratégica de 1993, a pedra angular do pensamento militar dos

Estados Unidos recaía na predominância do risco nuclear global.

E tanto foi assim que a dissuasão do terror nuclear condicionou a elaboração de todos os modelos norte-americanos, desde a estratégia da **Resposta Flexível**, passando-se pelas construções estratégicas da **Coeexistência Pacífica** e da **Destruição Mútua Assegurada** até, finalmente, chegar-se à famosa estratégia planetária, ou como ficou mais conhecida, a estratégia da **Guerra nas Estrelas**, principal responsável pela desintegração soviética. (Negritos do autor.)

Embora de extrema importância, a análise das estratégias nucleares refoge\* ao escopo deste trabalho, razão pela qual será aqui abandonada.

Não obstante isso, é importante fixar bem a noção de que o ciclo de estratégias com viés nuclear termina com a elaboração da Guerra nas Estrelas, apogeu da trajetória armamentista de Ronald Reagan, e que a revisão de Les Aspin tratou de nulificar, criando a idéia núcleo da capacidade militar de ganhar duas guerras regionais ao mesmo tempo, referencial suficiente para manter a hegemonia militar norte-americana em termos mundiais e também apropriado à nova matriz tríplice de ameaças surgida com a fragmentação nuclear.

**Com a chegada de George W. Bush ao poder**, ocorre então uma reversão de rumo estratégico, iniciando-se a quebra da tendência de redução das armas nucleares em vigor desde 1972, com o Tratado ABM com a Rússia. Em seu lugar, retoma-se o legado armamentista da doutrina Reagan. A única diferença entre as estratégias de Reagan e Bush repousa no inimigo, ou seja, a mesma estratégia está sendo ressuscitada para enfrentar a nova ameaça dos chamados países-bandido e em especial o "eixo do mal" – Iraque, Irã e Coréia do Norte.

\* N.R.: Refoge – de refugir –, tornar a fugir, fugir novamente (*Novo Aurélio*).

A Estratégia da Guerra nas Estrelas recebeu originalmente a designação de *Strategic Defense Initiative* (SDI) e seu propósito era garantir a integridade do território norte-americano por intermédio de um sistema de defesa antimíssil que combina estações terrenas e de satélites com a capacidade de anular a efetividade de mísseis balísticos, portadores ou não de ogivas nucleares, lançados contra os Estados Unidos.

A meu siso,\* acredito que esta iniciativa norte-americana deveria ser acusada de retrógrada por trazer de volta o clima de suspeição, experimentado durante toda a Guerra Fria.

Além de rejeitar o conceito estratégico da *Força em Redução* de Bill Clinton, rompe o equilíbrio entre as potências nucleares na medida em que os Estados Unidos passam a ficar imunes aos ataques disparados contra o seu território.

Tal escudo antimíssil vai permitir, por um período inicial, a superioridade dos Estados Unidos da América, mas, por outro lado, após a devida maturação intelectual por parte das elites das potências nucleares, poderá provocar uma nova escalada nuclear.

## A ESTRATÉGIA NORTE-AMERICANA E SEUS REFLEXOS NO CENÁRIO SUL-AMERICANO

O pensamento estratégico dos Estados Unidos confronta duas visões antagôni-

cas sobre o papel da América do Sul dentro do cenário pós-bipolar. Com efeito, a relevância estratégica do continente sul-americano para os Estados Unidos varia de acordo com a dimensão da perspectiva em análise.

No plano da Segurança Nacional, por exemplo, a importância estratégica da América do Sul chega mesmo a ganhar laivos de nulidade.

Esta quase insignificância estratégica deriva de um elenco diverso de fatores, a saber: é a região mais desmilitarizada do planeta; é uma área internacional livre dos extremismos religiosos e, por via de consequência, livre de ataques terroristas; é um conjunto geopolítico caracterizado pela ausência de potências nucleares, já que Brasil e Argentina abdicaram desta prerrogativa e, o que é mais importante, não desponta do contexto sul-

americano nenhum país que possa ser classificado como *Estado-bandido* ou *Estado Fora da Lei*, dentro da categoria das ameaças de proliferação das armas de destruição em massa.

Em consequência, sob a ótica da matriz pós-fragmentação, restam para o continente sul-americano apenas as ameaças transnacionais, valendo repetir, o terrorismo e o crime organizado internacionais, o fluxo migratório de pessoas, os danos ambientais *et alii*.\*\*

---

## No plano da Segurança Nacional, a importância estratégica da América do Sul chega mesmo a ganhar laivos de nulidade

\*

## O sexto axioma do Princípio de Williamsburg consigna a tentativa de transformar o poder militar das nações sul-americanas em simples força policial

---

\* N.R.: Siso - sentido; bom-senso; juízo, tino, prudência, circunspeção (*Novo Aurélio*).

\*\* N.R.: *et alii* - e outros.

Eis a razão pela qual as elites políticas sul-americanas estão sendo seduzidas no sentido de orientar o uso de suas Forças Armadas para o combate a este tipo de ameaça, que tenta ser exportada dissimuladamente pelo estrategista norte-americano.

Para dar fundamento a uma afirmação deste jaez, basta recorrer ao documento denominado *United States Security Strategy for the Americas*, assinado pelo então secretário de Defesa daquele país, William J. Perry, em 1994. Este documento é a Estratégia dos Estados Unidos para as Américas.

Tal Estratégia formulou seis grandes axiomas denominados de **Princípios de Williamsburg** (local da Reunião), dentre os quais, mais precisamente, o sexto consigna a tentativa de transformar o poder militar das nações sul-americanas em simples força policial.

Com efeito, é por simples interpretação literal dos princípios de *Williamsburg* que se descortina a iniciativa dos Estados Unidos de envolver as Forças Armadas sul-americanas na luta contra o *narcoterrorismo*.

Sob o pretexto de aumentar a segurança hemisférica, os Estados Unidos revigoram a idéia de solidariedade hemisférica, criando o conceito de responsabilidade compartilhada, que nada mais significa do que a redução das Forças Armadas sul-americanas em simples milícia policial. Em síntese, a **nova ordem militar de Williamsburg** deixa entrever que a manutenção da paz e

da segurança no contexto sul-americano ficará a cargo dos Estados Unidos, não havendo mais necessidade de manter, no âmbito do continente, as ameaças externas. (Negrito do autor.)

As construções estratégicas militares da América do Sul devem convergir para um fim superior e comum, qual o combate ao *narcoterrorismo*, razão quintessencial pela qual ainda se justifica a existência de Forças Armadas.

Em rápida digressão e mudando-se o que deve ser mudado, a Estratégia dos Estados Unidos para as Américas faz lembrar o conceito filosófico do **Leviatã hobbesiano**. (Negrito do autor.)

Com efeito, se Thomas Hobbes, para legitimar o absolutismo, pregava que os cidadãos comuns deveriam entregar suas liberdades individuais para que o monarca absoluto, o Leviatã, o Deus mortal, proporcionasse paz e segurança dentro do ambiente de caos do Estado da Natureza, a nova ordem militar de **Williamsburg** sugere que os Estados Unidos, um verdadeiro **Leviatã de Estados Nacionais**, a nação todo-poderosa e militarmente hegemônica, devem proporcionar a segurança coletiva em âmbito hemisférico em troca das soberanias relativizadas das nações sul-americanas, que devem agora erigir o *narcoterrorismo* como núcleo central de suas respectivas formulações estratégicas de Segurança Nacional. (Negritos do autor.)

---

---

**A nova ordem militar de Williamsburg sugere que os Estados Unidos, um verdadeiro Leviatã de Estados Nacionais, a nação todo-poderosa e militarmente hegemônica, devem proporcionar a segurança coletiva em âmbito hemisférico em troca das soberanias relativizadas das nações sul-americanas**

---

---

É, portanto, dentro deste panorama de relações estratégicas de subalternidade que o sexto princípio de Williamsburg deve ser repellido e é exatamente pelo mesmo motivo que o conceito estratégico da Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul (ZPCAS) deve ser plenamente compreendido pela elite intelectual brasileira.

A ZPCAS é uma construção genuinamente brasileira em termos de segurança hemisférica e tem o propósito cardinal de neutralizar qualquer iniciativa tendente a criar um mecanismo multilateral de Defesa nos moldes da OTAN.

Em essência, a ZPCAS tem o dom de neutralizar a presença hegemônica norte-americana no hemisfério e, o que é mais importante, serve como **vetor geopolítico da projeção internacional brasileira**, tanto em relação à América do Sul como em relação à África Atlântica, com ênfase especial à África do Sul e aos países de língua portuguesa. (Negrito do autor.)

Em síntese, a visão dominante dos Estados Unidos sobre o papel das Forças Armadas da América do Sul no contexto pós-bipolar chega mesmo às raias da nulidade.

Os Estados Unidos querem, agora, exportar o *narcoterrorismo* como tema central da segurança hemisférica, como da mesma forma exportaram, no período da bipolaridade, o engodo da predominância das operações anti-submarino no contexto do Atlântico Sul. Há que se vencer a dissimulação estratégica dos Estados Unidos no âmbito sul-americano.

Se, em termos de Segurança Nacional, o papel da América do Sul é ancilar\* e insignificante, o mesmo não acontece no **plano econômico**.

Sob a ótica dos fluxos de exportações norte-americanas, o mercado da América

do Sul começou a ganhar relevo a partir das reações européia e asiática ao plano montado pela dimensão econômica da Estratégia do *Engagement and Enlargement*, cujo zênite é atingido com a criação da Constelação Mundial do Comércio, ou seja, o sistema poligonal de pactos comerciais. Consulte a Figura 5 novamente.

A criação de modelos geopolíticos de reação, tanto na Europa como na Ásia, quebrou a grandiosidade do aparato norte-americano e, o que é mais grave, fez com que a ALCA se transformasse em projeto de Estado para os Estados Unidos, vez que o cenário latino-americano acabou subsistindo como único bloco geopolítico incapaz de construir uma concepção própria de resistência.

Dentro deste panorama de inaptidão geopolítica de reação, ganha relevância a teorização feita pelo Coronel Mafra, do Exército brasileiro, ao engendrar a sua **Teoria do Quaternio**.

Seu grande mérito repousa na idéia-força de que as nações latino-americanas não devem aceitar tratamento inferiorizado por ocasião da formação de grandes blocos extra-hemisféricos. Com isso, rejeita a tripolaridade econômica mundial e propõe a formação de um **contexto mundial quadripolar**, tendo-se como grandes centros de atração geopolítica, além dos tradicionais blocos norte-americano, europeu e asiático, o bloco latino-americano, integrado e atuando com unicidade geopolítica. (Negrito do autor.)

**A essencialidade da Teoria do Quaternio** reside no seu repúdio a todas as outras grandes concepções geopolíticas clássicas que colocam o bloco latino-americano em relação de subalternidade com os Estados Unidos.

\* N.R.: Ancilar – relativo a ou próprio de ancila; auxiliar; subsidiário (*Novo Aurélio*).  
Ancila – escrava, serva (*Novo Aurélio*).

Com efeito, as teorias tradicionais criam um eixo de verticalidade que sempre inferioriza a América Latina em relação aos Estados Unidos, e assim acontece na Teoria das Pan-Regiões do General Karl Haushoffer ao criar a Pan-América sob a égide dos Estados Unidos, e assim só suceder na Teoria das Casas ou Zonas Monetárias de Jacques Brochard, ao engendrar a Federação das Américas sob o influxo do dólar norte-americano e, finalmente, assim costuma ocorrer na Teoria da Tríade do Clube de Roma ao inferiorizar todos os países americanos em relação aos Estados Unidos.

Apesar de ser reconhecidamente a melhor solução geopolítica para as nações periféricas das Américas do Sul e Central, a meu talante, acredito que a implementação da Teoria do Quaternio é de difícil exequibilidade.

Sob este aspecto, basta constatar que o México já se encontra irremediavelmente vinculado ao NAFTA e que os países do Caribe e da América Central estão mais próximos estrategicamente dos Estados Unidos do que de qualquer outro país sul-americano; enfim, a integração do espaço geopolítico da América Latina, livre da interferência norte-americana, é tarefa hercúlea que se encontra no limiar da intangibilidade.

Assim sendo, creio que a única solução remanescente perpassa inexoravelmente pela redução do espaço geopolítico da Teoria do Quaternio para o continente sul-americano. Isso significa dizer que a integração sul-americana deve ser o ponto de partida da construção de um modelo geopolítico de reação ao projeto norte-americano de penetração internacional. Não há outro caminho a trilhar: ou a América do Sul se integra ou se subordina geopoliticamente aos Estados

Unidos; ou o Brasil assume sua liderança na América do Sul ou vê seu sonho de hegemonia regional esvaír-se.

Sob este aspecto, vale trazer a lume a concepção estratégica desenvolvida por uma equipe de estudos da Escola Superior de Guerra (ESG) que tinha por escopo nuclear o estudo das perspectivas de integração da América do Sul no mundo globalizado.

Para fazer face à estratégia de projeção estadunidense, foi planejado um modelo estratégico, engendrado sob os cânones da liderança brasileira no cenário sul-americano e sob os auspícios da imprescindibilidade de realizar uma inserção internacional multipolar, vale repetir, uma projeção internacional não vinculada a um único pólo de atração, como por exemplo a ALCA.

Neste mister, advogou-se a inserção brasileira realizada de modo equânime entre os três principais blocos mundiais, isto é, ALCA, União Européia e APEC.

Além disso, não se pôde descurar da projeção brasileira no continente africano.

E assim é que a **Frente Atlântica** foi incluída dentro do modelo estratégico de reação constituído de **três fases** distintas, porém interdependentes e complementares entre si.

Com ajuda da Figura 1, verifique inicialmente a **fase externa de inserção multipolar** caracterizada pelas Frentes Européia, Atlântica e Asiática. O propósito básico desta fase é fortalecer a integração sul-americana mediante o estabelecimento de acordos comerciais envolvendo o Mercosul e os demais blocos continentais, bem como incentivar a projeção sul-americana e em especial a brasileira no continente africano.

A **segunda fase** de jaez interno preten- de avançar no processo de integração me-

---

## Há que se vencer a dissimulação estratégica dos Estados Unidos no âmbito sul-americano

---

diante a interconexão dos três principais conjuntos geopolíticos da América do Sul, o Arco Amazônico, o Pacto Andino e o Cone Sul.

Tal fase recebeu a denominação de integração do **triângulo geopolítico sul-americano**. (Negrito do autor.)

Seu propósito básico é solidificar a ALCSA, isto é, a Área de Livre Comércio da América do Sul, cujo ponto de partida foi dado a partir da decisão fundamental de interligar permanentemente o Mercosul e a Comunidade Andina de Nações.

Finalmente, surge a **terceira etapa**, denominada de **fase de maturidade sub-regional**, que se pauta na idéia-força do investimento seletivo. (Negritos do autor.)

Sob este aspecto, a América do Sul, com inserção independente e integrada internamente, ganharia a capacidade de receber investimentos estrangeiros não malignos, isto é, investimentos internacionais que não produzam o chamado ciclo da periferia ou do empobrecimento estatal.

Em outras palavras, a América do Sul, atuando como um todo, poderia ganhar dimensão geopolítica tal que permitisse desarticlar o mecanismo estrutural de déficit na balança de serviços.

Com rigor, os investimentos estrangeiros chegados em um ciclo se transformam em remessa de lucros ou pagamentos de juros no ciclo seguinte, provocando cada vez mais alta dependência dos fluxos internacionais de capitais.

Em suma, **as três fases** visam a fortalecer o projeto sub-regional de integração, em nítida oposição ao alinhamento automático

aos Estados Unidos, cujo plano tem como espeque\* a rápida consolidação da ALCA, fator fundamental para a prosperidade da economia dos Estados Unidos, especialmente diante do sucesso da União Européia e da reação asiática.

Nossa proposição tem o fito de sistematizar a inserção internacional do Brasil a partir da integração sul-americana, feita mediante a projeção multipolar das frentes externas e da interligação dos três principais cenários geopolíticos sul-americanos.

---

---

**Não há outro caminho a trilhar: ou a América do Sul se integra ou se subordina geopoliticamente aos Estados Unidos, ou o Brasil assume sua liderança na América do Sul ou vê seu sonho de hegemonia regional esvair-se**

\*

**Urge ao Brasil afastar a sua postura geopolítica introspectiva e recuperar o tempo perdido, assumindo a liderança sul-americana**

---

---

**CONCLUSÃO**

Este trabalho acadêmico procurou *Ab Initio Usque Ad Mais*\*\* analisar a evolução do pensamento estratégico dos Estados Unidos de um modo independente e crítico.

Pela sistematização das estratégias norteamericanas, foi possível perceber que a in-

\* N.R.: Espeque - escora; apoio, arrimo, amparo (*Novo Aurélio*).

\*\* N.R.: *Ab Initio Usque Ad Mais* - deste o início até o fim.

serção internacional de um país deve ser ato soberano, sem maiores limitações impostas por nações hegemônicas e poderosas.

Pela sua dimensão geopolítica, as estratégias norte-americanas tendem a possuir efeitos de extraterritorialidade, que avançam, diretamente, sobre o terreno interno das demais nações do mundo. E assim ocorreu com os governos militares durante a vigência da Estratégia de Kennan, e assim está acontecendo com as nações periféricas que não conseguem reagir ao esquema do *Engagement and Enlargement*.

Dotadas de extraordinária lógica de construção, as estratégias estadunidenses buscam sempre concepções geopolíticas clássicas que lhes sirvam de fundamento.

Sob este aspecto, é iniludível a influência da Teoria das Fímbrias na Estratégia da Contenção de Kennan e é irrespondível a ascensão da Teoria da Tríade sobre a Estratégia do *Engagement and Enlargement* de Bill Clinton.

Resta aguardar para saber se a Teoria do Choque de Civilizações de Samuel Huntington será a fonte de inspiração de um novo modelo pós-ataque terrorista de 11 de setembro. Veja novamente a Figura 6.

Em belveder de investigação mais elevado, compreendeu-se a que a Estratégia do *Engagement and Enlargement* se abeberou da idéia-força de que Segurança Nacional e prosperidade econômica caminham indissolúvelmente juntas.

Aliás, é neste mister que acredito que os ataques terroristas de 11 de setembro irão retirar a validade do modelo do *Engagement and Enlargement*.

O estadista e o legislador norte-americanos terão que repensar um novo paradigma de Segurança Nacional, considerando agora novas formas de relações internacionais e novas fórmulas de combate ao terrorismo.

Se a Estratégia da Contenção teve validade por várias décadas, a Estratégia do *Engagement and Enlargement* terá vida curta.

O futuro paradigma de Segurança Nacional dos Estados Unidos vai ter que repensar a sua forma de atuação internacional.

Atitudes radicais, tais como a da Convenção de Kioto ou a do abandono da Conferência anti-racismo, terão que ser reconsideradas.

A solução vislumbrada terá que privilegiar a igualdade de oportunidades para todos os Estados nacionais. **O ciclo da periferia terá que ser combatido.**

Não é somente a nação mais poderosa do mundo que tem a

tarefa de repensar seu modelo de inserção internacional; o Brasil também a tem. Deitado em berço esplêndido por muito tempo, o gigante brasileiro, pela própria natureza, país de perfil continental e atlântico, se omitiu geopoliticamente do cenário sul-americano. Tal afastamento motivou o surgimento de um vácuo de poder na medida em que nenhuma outra nação sul-americana reunia as condições geopolíticas para liderar o processo de integração subcontinental.

Assim sendo, urge ao Brasil afastar a sua postura geopolítica introspectiva e recuperar o tempo perdido, assumindo a liderança sul-americana que lhe é demandada pelos demais países do continente.

---

---

## **São posturas tais que engrandecem a nação brasileira e que denegam a relação de subalternidade, relação esta imposta pela tripolaridade econômica mundial**

---

---

Neste mister, há que se construir um modelo geopolítico genuinamente sul-americano, que privilegie a exploração das vocações naturais das suas diversas sub-regiões e que potencialize as intercomplementaridades de comércio intracontinental.

É edificante constatar a postura internacional positiva do Brasil na recente questão da quebra de patentes dos remédios contra a AIDS e também a firmeza do governo brasileiro na complicada discussão em torno da proteção agrícola dos países ricos no âmbito da OMC.

São posturas tais que engrandecem a nação brasileira e que denegam a relação de subalternidade, relação esta imposta pela tripolaridade econômica mundial.

Em sentido acadêmico, este trabalho propôs, em um primeiro momento, repensar a inserção internacional do Brasil mediante o estabelecimento das Frentes Européia, Atlântica e Asiática.

Ao depois, sugeriu desenvolver uma matriz de cooperação subcontinental a partir da integração dos três principais conjuntos

geopolíticos sul-americanos. Sob este aspecto, os cenários do Arco Amazônico, do Pacto Andino e do Cone Sul se mesclariam, formando o ideal mundo geopolítico sul-americano, forte e coeso, apto a quebrar o ciclo da periferia por intermédio da aplicação do conceito de investimento seletivo.

Com efeito, seria estabelecida uma política sul-americana uniforme, evitando-se a maligna e desordenada busca de investimentos estrangeiros que trazem vantagens, mas não tantas quantas as que são apregoadas.

Há um custo político alto a ser pago pelas gerações futuras que já nascem sem perspectivas de reação.

Em suma, fortalecer o espírito de latinidade e abduzir\* o estigma de inferioridade da alma sul-americana são tarefas difíceis, mas não impossíveis.

É preciso perseverar e perseverar.

Ou a América do Sul se integra sob a hegemonia benigna brasileira, ou então se confirmam as clássicas teorias geopolíticas que sempre a inferiorizam em relação aos Estados Unidos da América do Norte.

#### CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<ARTES MILITARES> / Estratégia /; Fragmentação nuclear; Modelo de *engagement and enlargement*; Guerra nas estrelas;

\* N.R.: Abduzir – afastar parcial ou totalmente da linha mediana do corpo; desviar de um ponto, afastar, arredar (*Novo Aurélio*).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. "ALCA: o jogo já começou". *Revista da Câmara Americana de Comércio*. São Paulo, n. 369, Mensal, 11p, 2001.
2. ASPIN, Les. *Report on the bottom-up review*. Washington, DC: s.ed. 1993, 109p.
3. BRODIE, Bernard. *War and politics*. New York, 1973.
4. CHOMSKY, Noam. "Um divisor de águas para os Estados Unidos". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 16 set. 2001. p.14.
5. CAMINOTO, João. "Resposta do Mercosul à União Européia deve sair até fim de setembro". *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 16 ago. 2001.
6. COHEN, William S. *Report of the quadrennial defense review*. Washington, DC: 1997, 70p.
7. CLINTON, William. *A national security strategy of engagement and enlargement*. Washington, DC: 1995.
8. COLSON, M. "La strategie americaine". In: *Conférence au Collège Interarmées de Défense*. Paris, 1996. 17p.
9. ESCOLA SUPERIOR DE GUERRA(Brasil). "Fundamentos doutrinários". Rio de Janeiro: *A Escola*, 1998.
10. \_\_\_\_\_. *Fundamentos das relações internacionais e conceitos de atuação no campo externo*. Rio de Janeiro, 2001.
11. \_\_\_\_\_. *Geopolítica: introdução ao estudo*. Rio de Janeiro, 2001.
12. \_\_\_\_\_. *O pensamento geopolítico brasileiro*. Rio de Janeiro, 2001.
13. HANDEL, Michel I. *Masters of war: Sun Tzu, Clausewitz and Jomini*. Portland, 1992, 176p.
14. \_\_\_\_\_. *Weak states in the international system*. London, 1981.
15. HOBBSBAWN, Eric. "Entre a razão e a insanidade. Uma reflexão sobre os atentados". *O Globo*, Rio de Janeiro, 18 set. 2001.p. 12.
16. SKLAR, Holly. *The trilateralism*. Boston, 1980, 604p.
17. KEEGAN, John. *The second world war*. New York, 1989, 608p.
18. KENNAN, George F. *American diplomacy*. New York, 1951,127p.
19. LLOYD, Richmond M. *Strategy and force planning framework*. Newport, RI, 1995, pp 1-14.
20. NIXON, Sonda J. *The global economy*. Washington, DC: 1994, pp3-6.
21. OWENS, Mackubin . *The evolution of u.s. military strategy since world war II: an overview*. Newport, RI, 1995, pp 433-445.
22. PALMER, Colton. *A history of the modern world*. 8ed. New York, 1989, pp 1057-1065.
23. PARET, Peter. *Makers of modern strategy from Machiavelli to the nuclear age*. New Jersey, 1986, 941p.
24. PERRY, William J. *United states security strategy for the Americas*. Washington, DC: 1995.
25. SHALIKASHVILI, John M. *National military strategy of flexible and selective engagement*. Washington, DC: 1995.
26. \_\_\_\_\_. *National military strategy of shape, respond, prepare now: a military strategy for a new era*. Washington, DC: 1997, 30p.
27. SPANIER, John, STEVEN, W. Hook. *American foreign policy since world war II*. 13.ed. Washington, DC: 1995, 356p.
28. VIDIGAL, Armando Amorim Ferreira. *Evolução do pensamento naval estratégico brasileiro*.